

Meio-Dia

Um conto de Celia Cavalheiro

Autora do livro *Poucas e Boas*. São Paulo, Iluminuras, 2000.

Quebrou um torrão, depois mais outro. A tarde mal começava, havia muito trabalho pela frente, muitos torrões a quebrar. O sol do meio-dia deixava as coisas sem cor, sem tonalidade exata, os torrões eram só um brilho, mas opaco. Tinha que dividir tudo, o trabalho, os nós, a paciência, os torrões. Depois, já sabia, sobraria o pó, a quebradeira como um resto, não como um trabalho. O que determinava eram os estrados arranjados de tal maneira que tudo parecesse um campo pronto, ajambrado.

De vez em quando olhava suas mãos, rachadas mas com um certo brilho, o mesmo opaco, de vez em quando divertia-se com um pedaço teimoso, torrão que se recusava a se partir. Olhava a vista e batia com mais força. Olhava o nada, olhava.

Transformaria um torrão em uma coisa viva se pudesse. Um braço, a mão pendendo aberta, os cinco dedos mostrando vigor, aptidão para a música, mãos de pianista talvez. Se pudesse transformaria tudo em vida contada dando certo, sem necessidade da matéria, da forma provando a existência, sem necessidade nenhuma dos torrões.

Mas sua tarefa era quebrar torrões no sol do meio-dia. Empreita aceitável mas sem consolo. Empreita herdada, quebrada só por uma espécie de consciência, mas vinda em lapsos, em relâmpagos. Tarefa difícil para quem almejava o fim do dia, árdua mesmo. Então sentou para descansar. Alcançar a paisagem depois das pedras, dos torrões que agora, cansado, lhe pareciam de açúcar, depois do trabalho.

Sentou-se na ponta mais alta e mirou o nada como o mais nítido reconhecimento. Reconhecia um pedaço ou outro, a ponta, o vértice. Palavras aprendidas, palavras herdadas. Fez silêncio. Um silêncio dos outros não de si mesmo. Foi aí que chorou, e se chorasse tudo estaria desfeito: os torrões, que,

afinal, eram mesmo de açúcar, o trabalho e todo o resto. A paciência que tivera até então, de ser torrão, que se quebra, que se solta, leve no ar. Tudo estava desfeito, pronto para a mais terrível tarefa que era recomeçar. Justamente, recomeçar.

Sem gana, sem paixão. Como assim? A falta de entendimento tocava fundo o seu desejo, e o trabalho pela frente, e a transparência dos torrões, pela frente, para sempre.

Do livro de contos *Meio-Dia*, em preparação.